

**Quais as motivações
para ensinar Design
de Comunicação?
Até que ponto
consegue um professor
distanciar-se dos seus
gostos pessoais para
avaliar a qualidade
do trabalho de um aluno?
O que é que um professor
aprende com os alunos?**

«Quem sabe faz, quem não sabe fazer, ensina».
(Frases atribuídas a George Bernard Shaw, dramaturgo,
romancista e jornalista inglês, 1856-1950)

A frase é absolutamente redutora na sua utilização banalizada. Sugere que há uma barreira entre o saber fazer e o ensinar, que coloca o ensinar como um reduto em que se refugia quem não sabe fazer.

A questão entre o saber e o fazer é antiga. Nas artes visuais, perpassou o Renascimento e levou a que se comesçassem a desenhar diferenças entre os artesãos (os que faziam reproduzindo e onde a criatividade era um acidente) e os artistas (os que sabiam e pensavam no que faziam).

Assim é o fazer com saber que permite a possibilidade de projetar a partir do uso de metodologias que dão intencionalidade ao trabalho. Esse saber adquire-se e pratica-se, grande parte das vezes, em lugares criados para adquirir conhecimento e onde se ensaia a vida, nas escolas. Estas, para além de transmitirem conhecimentos de forma sistemática, devem criar o gosto e a necessidade de saber mais e de praticar o que se aprende, permitindo aos alunos que, a partir do saber adquirido, sejam, mais do que reprodutores, criadores.

Fiz a minha aprendizagem em Design de Comunicação na ES-BAL, dei continuidade ao que aprendi nos jornais onde trabalhei, e aumentei os meus conhecimentos sobre a disciplina nas leituras que faço todos os dias. Aprofundei assim os conhecimentos e o gosto por esta área disciplinar a que reconheço uma importância fundamental para o mundo em que vivemos. Tudo o que aprendi sobre

design de comunicação e artes gráficas não serviu apenas para me sentir enriquecida como pessoa, como designer e como cidadã. Escolhi partilhar o que aprendi com os outros. Essa partilha, não podia ter outra forma que não fosse a de ensinar.

Ensinar design é permitir que o que foi acumulado na aprendizagem da teoria e prática projetual de um indivíduo não se encerre na experiência de quem o fez. Frequentemente, esse encerramento resulta apenas num trabalho estéril que se esgota numa obra feita, e remete os que se iniciam nessa aventura para um estado primordial, como se não tivesse havido mundo antes deles. É por isso que ensino. Para poder, de forma dialogada, entender o que são as curiosidades e as necessidades dos meus alunos como futuros designers, e para poder acompanhá-los, com o que sei, nesta passagem pelo início das suas vidas profissionais.

Sobre os «gostos»

«Há coisas de que gosto e que não são boas; há coisas que são boas e de que não gosto; há coisas que não são boas e de que não gosto; há coisas que são boas e de que gosto!»
(Frase frequentemente utilizada por um professor em resposta à proverbial lamentação do aluno: «o professor não gosta do meu trabalho...»)

Apesar da expressão «gostos não se discutem», acredito que se há coisa que vale a pena discutir são os «gostos». Não uns contra os outros, mas através daquilo que os sustenta: a sua fundamentação.

O «gosto» poderá ser uma escolha que se fez, resultado das referências que se adquirem ao longo das aprendizagens e dos percursos de vida.

Estagnar no «meu gosto» é reduzir a nada tudo o que poderá vir a enriquecer a minha visão do mundo. Uma coisa é ter a nossa escolha fundamentada e defendida, enriquecendo-a com tudo o que se relaciona com ela. Outra é o «gosto-porque-gosto», que é tão infantil como o «porque sim».

Para gerir «gostos» com os meus alunos opto por uma «confrontação» fundamentada. Se um projeto faz sentido — nos referentes, nas referências, nas escolhas tipográficas, etc. — não há muito «gosto» a discutir. Posso apresentar as minhas escolhas — as coisas com que me identifico, sobre as quais tenho interesse e tento saber mais — que vão ser entendidas como o «meu gosto». É então que se cria um dos melhores momentos do processo de ensinar: o debate fundamentado dos «gostos», onde o meu pode perder. Ganhando o do aluno, essa diferença não pode servir para qualificar o trabalho.

Sobre o aprender do professor

A condição necessária para ser professora é a existência de alunos. São o motivo de todas as atividades relacionadas com a minha permanência numa instituição, e é à volta deles que giram todas as incumbências que tenho, mesmo as mais distantes do acto de ensinar.

Os alunos são uma fonte de renovação. Todos os anos chegam alunos novos, muito diferentes nos desejos, nas dúvidas, na preparação que trazem, na sua individualidade.

São, por isso, um desafio anual e diário, nas certezas que têm, nas curiosidades dispersas e na urgência que colocam em tudo.

É esse desafio que me leva a conhecer coisas diferentes e a procurar saber sobre assuntos que desconheço, aprendendo aquilo a que não dedicaria um minuto da minha curiosidade. A descoberta dos livros, das músicas, dos desportos que praticam, das modalidades de ocupação do seu tempo e das suas formas de encarar a vida, são uma atualização contínua que me é oferecida.

Aprendo muito com eles: para além do que quero — as minhas escolhas —, o que não sabia que queria — as escolhas deles. Troco conhecimento específico por descoberta de vida. Fico a ganhar.

Cândida Ruivo

Coordenadora do 1º ciclo de Design de Comunicação